

ENTREVISTA | RENATA ALMEIDA

DIRETOR DA MOSTRA DE SÃO PAULO

‘A Mostra ajudou a levar o nome de São Paulo para o mundo’



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

A frente da Mostra Internacional de Cinema em São Paulo, que chega à 50ª edição, Renata de Almeida lança livro de memórias e recorda encontros, crises e descobertas de uma trajetória iniciada em 1989. O título que escolheu sintetiza a arte de reviver saudades: “Antes Que Eu Me Esqueça: Um Ensaio de Lembranças”. Ela viveu alegrias infinitas no evento, que nos últimos anos, recebeu titãs como Francis Ford Coppola e Jafar Panahi, além de ter aberto a carreira comercial de “Ainda Estou Aqui” (2024), de Walter Salles, no país.

O cinquentenário de seu evento enche a mente da cinefilia nacional de flashes nostálgicos de seu fundador, o crítico Leon Cakoff (pseudônimo de Leon Chadarevian). De origem armênia e naturalizado brasileiro, ele nasceu em 1948 e sua família se refugiou no Brasil durante sua infância. Se tornou resenhista e repórter, e passou a dirigir o departamento de cinema do MASP em 1974, onde organizava sessões no auditório.

Em comemoração aos 30 anos do museu, Leon Cakoff fez a primeira Mostra, ainda sob a Censura. Renata, sua parceira de lutas e de vida, nunca deixou que seu legado se apagasse, mesmo seguindo sua própria (e bela) trilha curatorial, juntando pepitas para a Pauliceia ano após ano, desde que Leon partiu, em 2011.

O papo a seguir revisita suas primeiras memórias numa sala de cinema, a crise provocada pelo sucateamento da Embrafilme na Era Collor, a visita de James Gray — que abriu a edição comemorativa, na última quarta, com “Tigre de Papel” e assina o cartaz deste ano —, a homenagem ao produtor português Paulo Branco e os sete meses que passou mergulhada nas próprias lembranças.

A Mostra completa 50 anos indissociável de São Paulo. O que existe na personalidade da cidade que ajudou o festival a tornar-se aquilo que é hoje?

Renata Almeida - São Paulo oferece anonimato. Isso tem um lado bom, pois recebe muito bem os outros lugares do país. Não por acaso, foi um espaço de muita imigração. O próprio Leon Cakoff, criador da Mostra (e finado companheiro de Renata), era um migrante.

Sua relação com o cinema começou muito antes da Mostra. Quais são suas primeiras lembranças como espectadora?

Eu nasci na Rua Coriolano, na Lapa. Lembro-me de, quando criança, ter ido ver uma sessão com vários desenhos de “Tom e Jerry”. Minhas irmãs não aguentavam, queriam sair, mas eu não. Também me lembro de meus pais me levarem para ver “Dersu Uzala”, “Tempo de Inocência”, “A Gaiola das Loucas” e “A Pantera Cor-de-Rosa”.

O Rio de Janeiro tem uma

imagem cinematográfica exportada há décadas. São Paulo precisou construir a sua. De que forma Mostra ajudou nesse processo?

São Paulo tem uma desvantagem em relação ao Rio de Janeiro, que é não ter a mesma beleza. A gente não tem praia aqui. Mas, de certa maneira, por conta do trabalho que a Mostra tem feito ao longo destas últimas cinco décadas, as pessoas do universo do audiovisual ouvem falar bem do festival e, a partir dele, interessam-se em conhecer a cidade. A verdade é que a Mostra levou o nome de São Paulo para o mundo e também para outros lugares do país. O Rio de Janeiro está no imaginário do planeta por suas praias. Copacabana é tema de vários filmes. São Paulo não. Com a ajuda da Mostra, conseguimos exportar uma visão da cidade para vários lugares. A Mostra colaborou muito para isso.

Você entrou na Mostra em 1989, justamente quando o cinema brasileiro se aproximava de uma de suas maiores crises institucio-



Divulgação

“Por conta do trabalho que a Mostra tem feito ao longo destas últimas cinco décadas, as pessoas do universo do audiovisual ouvem falar bem do festival”

nais. Como foi atravessar aquele momento?

Entrei na 13ª edição, em 1989. Peguei logo de cara a ressaca do Collor, o fim da Embrafilme.

Quando olha para trás, que encontros condensam para você essa capacidade da Mostra de aproximar diferentes gerações e cine-

matografias?

Eu me lembro, na 19ª Mostra, de um encontro de Manoel de Oliveira com Gabriel Figueroa. Lembro-me também de uma abertura com Almodóvar.

James Gray abriu esta 50ª edição, na quarta-feira, com “Tigre de Papel”, e é também o autor do cartaz comemorativo da Mostra. O que faz dele um cineasta tão importante para esta celebração?

James Gray é cinema. Foi e é um dos grandes da atualidade. Ele consegue ser clássico e rigoroso, mas sempre pessoal. É um cinema que pensa, é um cinema de valorização da estética. Ele é um diretor da mise-en-scène que pensa o papel da família.

Outro homenageado desta edição é Paulo Branco, figura decisiva da produção europeia e especialmente do cinema português, mas também conhecido pelo temperamento combativo. Por que homenageá-lo agora?

Paulo Branco fez uns 300 filmes. Ele teve um filme na segunda Mostra e passou por grandes trabalhos. Produziu Raúl Ruiz, produziu David Cronenberg. É um produtor que briga e que processou Cannes. Essa personalidade difícil, que para muitos é difícil, fez com que ele fosse subvalorizado. Nunca foi homenageado fora de Portugal. Chegou a me mandar um emoji quando soube da homenagem. O cinema português tem outros produtores, mas ele é um dos responsáveis pelo cinema português existir, além de ser distribuidor e exibidor. Ou seja, ataca em muitas frentes.

Leon Cakoff escreveu um livro quando a Mostra chegou aos 30 anos. Em que momento você percebeu que os 50 anos pediam que a história fosse contada agora pelas suas lembranças?

O Leon escreveu um aos 30 anos da Mostra, e todo mundo me cobrava: “Você não vai fazer um quando a Mostra chegar aos 50?”. Pensei que teria sentido eu fazer e acabei gostando quando fui escrever.

Foi difícil transformar quase quatro décadas de experiências numa narrativa pessoal?

Foram sete meses de trabalho e fiquei feliz com o resultado, pois muitas memórias estão lá. Acho que ficou gostoso de ler. Trabalhei muito buscando aquilo que poderia fazer algum sentido, revivendo memórias.